

O desenho técnico no vestuário: relato de uma prática docente

Technical fashion drawing (fashion flat): reporting of a teaching practice

Paula Mello Oliveira Alquati

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Brasil

paulaalquati@cavg.ifsul.edu.br

Resumo

Este trabalho tem por objetivo relatar uma prática docente realizada no desenho técnico do curso de vestuário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, em articulação com as disciplinas de pesquisa em moda, criação em moda e informática, onde se buscou avançar na visualização do desenho como elemento fundamental na prática profissional.

Palavras chave. Ensino de desenho técnico; desenho técnico no vestuário; desenho de roupas.

Abstract.

This work aims to account a teaching practice performed in technical fashion drawing (fashion flat) in the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, coordinated to the disciplines of fashion research, fashion creation and informatics, where it was reached to advance on drawing visualization as fundamental element on professional practice.

Palavras chave. Technical drawing teaching; fashion technical drawing; clothes drawing.

Introdução

O objetivo deste trabalho foi aproximar a pesquisa enquanto princípio educativo de práticas realizadas na disciplina de desenho técnico voltado ao vestuário. Para tal, procurou-se trabalhar com conceitos apresentados por Pedro Demo (2002) em “*Educar pela Pesquisa*” e Marisa Costa (2001) em “*O diálogo entre a ciência e o mundo: uma agenda para jovens pesquisadores e pesquisadoras*”.

Em um primeiro momento, procurou-se estabelecer os principais elementos dos autores acima. A seguir, procurou-se relatar uma prática pedagógica ocorrida na disciplina para, finalmente revisitar essa prática a fim de analisá-la à luz dos aspectos teóricos da pesquisa como princípio educativo.

Referencial adotado: a pesquisa e o princípio educativo

De acordo com Demo (2002), a educação se constitui como um processo de formação da competência humana com qualidade formal e política. Tal competência, para ele, se forma a partir da visão da pesquisa enquanto maneira escolar própria de educar e como uma atividade cotidiana. Para tal estabelecimento, o conceito chave é o “questionamento reconstrutivo”, responsável pela construção do conhecimento através da reformulação de teorias e conhecimentos já existentes.

O autor apresenta nove pontos que auxiliam no estímulo do aluno para a pesquisa, sob a forma de um roteiro prático-metodológico (DEMO,2002). Nesses pontos são abordados a configuração do ambiente escolar, a formulação da pesquisa enquanto princípio educativo, a apresentação de um roteiro metodológico para a pesquisa, a apresentação do questionamento reconstrutivo, e, por fim, o papel da organização curricular e da avaliação escolar.

O ambiente, de acordo com Demo (2002), deve ser positivo, valorizar a experiência do aluno e tê-lo como um parceiro de trabalho. A sala de aula deve ser um espaço que propicie a equação entre o trabalho individual e o coletivo, uma vez que o trabalho conjunto é visto como fundamental para o aprofundamento da competência do aluno, já que para ter êxito é necessário estimular concomitantemente as esferas individual e coletiva.

A formulação da pesquisa deve começar pela procura de materiais, pelo combate à receita pronta e o incentivo a iniciativa coletiva dos alunos (DEMO, 2002, p. 21). Os alunos devem ser motivados a construir sua interpretação e compreensão da realidade, a fim de iniciar o processo de elaboração própria (DEMO, 2002).

O conceito fundamental abordado por Demo (2002) é o questionamento reconstrutivo. Para que este aconteça, é preciso partir do conhecimento prévio, ao qual se agrega o conhecimento disponível na cultura dominante (pela transmissão) e, por fim, se formaliza a elaboração própria a partir da síntese ou reconstrução do conhecimento (DEMO, 2002).

O questionamento reconstrutivo pode ser facilitado por motivações lúdicas, pela aquisição de hábitos de leitura, pelo uso de meios eletrônicos, pelo apoio familiar aos alunos e pelo uso intensivo do tempo de sala de aula.

Por outro lado, para elaborar a capacidade reconstrutiva, é necessário saber pensar e solucionar problemas; aprender a aprender, conjugando teoria e prática; avaliar-se e avaliar a realidade, como forma de consciência crítica e intervenção inovadora; unir qualidade formal e política, humanizando o conhecimento e qualificando a educação (DEMO, 2002).

Ao analisar a questão curricular, Demo (2002) sugere que é preciso trocar o currículo extensivo, voltado à aula expositiva, pelo intensivo, voltado à formação da competência autônoma, crítica e criativa no aluno.

O autor apresenta ainda cinco desafios da pesquisa educativa, a partir da pesquisa no professor. Tais desafios seriam: elaboração de um projeto pedagógico próprio, com atualização permanente e compromisso com o aluno; criação de textos científicos próprios; confecção de material didático próprio; a realização de inovações da prática didática; e, para finalizar, a recuperação da competência do professor.

O texto de Marisa Costa (2001) delimita algumas sugestões que apoiem a jovens pesquisadores, pautadas pelo questionamento e pela contestação de características da ciência moderna. Estas sugestões, chamadas de agenda, são compostas de doze pontos que visam ao auxílio e ao estímulo da prática da pesquisa.

A autora aborda a importância da intuição na investigação, tanto em relação ao tema quanto à procura de resultados. Em seguida, alerta sobre a provisoriedade dos resultados de pesquisa: todo resultado existe para ser superado.

Corroborando a questão já vista por Demo (2002) do questionamento reconstrutivo, Costa apresenta seu conceito de originalidade. Para ela, a originalidade da pesquisa reside na originalidade do olhar. “*O olhar inventa o objeto e possibilita as interrogações sobre ele. Assim, parece que não existem velhos objetos, mas sim, olhares exauridos*” (Costa, 2001, p.5).

A autora lança algumas prerrogativas importantes, enfatizando que é necessário desconfiar daqueles discursos totalizantes, com a ambição de representar a realidade, e que é importante compreender que o progresso às vezes é um mito: não é porque uma produção é recente que ela supera o que já existia.

Costa (2001) também enfatiza que se devem evitar os dogmatismos científicos e filosóficos, e lembra que a neutralidade na pesquisa é uma ilusão, posto que está sempre a serviço de alguém. No entanto, deve-se ter em conta que a ética e a ciência devem ser sempre indissociáveis (COSTA, 2001).

Os dois últimos pontos descritos em sua agenda têm um viés um tanto antagônico. Enquanto um insiste na importância da humildade em relação aos resultados de uma pesquisa, posto que *“há espaço para todas as estrelas”* (COSTA, 2001, p. 7), o outro aponta para que, por mais provisórios e parciais que sejam os resultados de uma pesquisa, eles são importantes.

Relato de uma prática pedagógica: a disciplina de Desenho Técnico

A prática que será relatada a seguir foi analisada de acordo com um “modelo de teorização das práticas” (DEMO, 2002). Nele, seleciona-se uma prática pedagógica, sobre a qual se realiza uma autocrítica, se procura uma fundamentação teórica e, finalmente, se busca a formulação de uma contraproposta para aperfeiçoar a originalmente exposta.

Foi selecionada para tanto uma experiência pessoal ocorrida na disciplina de Desenho Técnico para o curso de Vestuário, modalidade Subsequente, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Campus Pelotas-Visconde da Graça no segundo semestre letivo de 2011, que terminou em maio do ano de 2012.

A disciplina trata de elementos e conceitos fundamentais do Desenho Técnico, tendo como objetivo que o aluno consiga ler, interpretar e executar desenhos que tenham como suporte a linguagem normalizada, bem como desenvolver os conhecimentos relativos ao desenho e ao desenvolvimento de projetos que usem esses suportes, relacionando-os com o mundo do trabalho (IFSUL, 2012). Nela são abordados conceitos básicos de representação que podem ser usados em distintos campos profissionais.

Inicialmente, o conteúdo foi abordado de modo tradicional, seguindo a ementa e os conteúdos requisitados à disciplina, que tem como base as normas técnicas de desenho, tais como a NBR 10067/1995 (princípios gerais de representação em desenho técnico) .

Todavia, notou-se uma apatia por parte das estudantes, que não conseguiam se motivar estudando os conceitos abstratos do desenho e tampouco estabelecer uma relação com sua realidade concreta ou com o mundo do trabalho. Para contornar esta situação, após o ensino dos elementos básicos e instrumentais da linguagem gráfica, foi proposto o estudo do desenho técnico de roupas.

Destaca-se aqui a dificuldade em partir para desdobramentos mais detalhados do desenho técnico de roupas, uma vez que não há uma norma específica para tal segmento profissional, como ocorre com o desenho arquitetônico, por exemplo, na NBR 6492/1994. Assim, procurou-se apropriar-se das convenções previstas pela NBR 10067/1995 e suas correlatas, adaptando as prerrogativas do desenho projetivo à representação de roupas.

Dados estes limitadores, só foi possível ensinar o desenho de roupas após as alunas terem uma base geral do desenho técnico básico, como por exemplo, o manejo dos instrumentos, a compreensão do suporte (a folha de desenho, com margens e legenda), habilidades de traçado, aguçamento da visão espacial, compreensão das formas em perspectiva e das projeções ortogonais.

O estudo do desenho de roupas propriamente só foi realizado no fim do segundo trimestre e ao longo do terceiro trimestre letivo, tendo por finalidade estreitar os laços das alunas com a sua atuação profissional concreta e, sobretudo, aproximá-las do campo da representação gráfica. Entretanto, somente aprender a desenhar roupas não as aproximava o suficiente de sua realidade concreta.

O auxílio a esta prática surgiu com o projeto “Curso técnico em vestuário, parceiro do moda Pelotas”, com o qual a turma estava envolvida e que integrava várias disciplinas do curso com o objetivo de oportunizar a participação no “Moda Pelotas”, único evento de moda da região sul do Estado.

No momento, as alunas já haviam realizado a primeira etapa do projeto, a criação e confecção de “looks” conceituais realizados com materiais alternativos. Isto posto, possuíam um material de sua autoria, sobre o qual seria possível construir o conhecimento atinente ao Desenho Técnico, com vistas a auxiliá-las em questões de sua futura vida profissional.

Ressalva-se aqui a necessidade, perante as circunstâncias, de inversão da ordem correta de um desenho técnico com o objetivo de representar um projeto, já queo correto seria elaborar o desenho antes da produção da peça.

O primeiro passo do trabalho foi o ensino da representação de peças básicas de roupa através do sistema projetivo mongeano e com uso de instrumentos. Iniciou-se com a saia simples, onde foram explicados também os tipos de pences e recortes. Neste primeiro desenho foram abordadas questões gerais de representação como a concordância entre linhas e curvas, o eixo de simetria e elementos de traçado final e auxiliar. A seguir, passou-se para a representação da blusa básica e calça.

No segundo momento, foi passada para as alunas a estrutura do manequim feminino: o croqui de desenho técnico. Foram utilizados dois modelos (fig.1), extraídos do livro de Leite e Velloso (2009): um com a estrutura de recortes e limites que possibilitassem a compreensão e sobreposição de diversos modelos de blusas, saias e vestidos e outro com a estrutura de recortes e limites de calças e mangas. A partir dos dois modelos, as alunas conseguiriam transpor suas criações para a forma de Desenho Técnico.

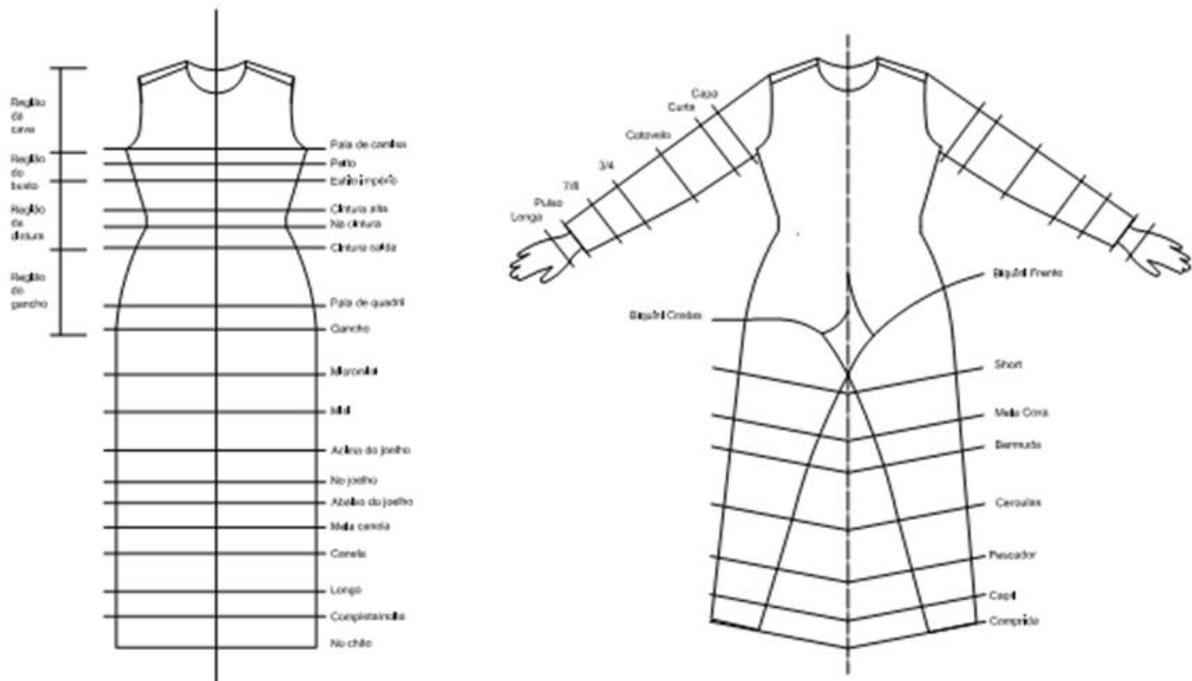


Figura 1: a) Linhas de recorte e limite de blusas e vestidos b) Linhas de recorte e limite de calças e mangas. Sem escala. Fonte: Adaptado de Leite e Velloso, 2009.

O próximo momento foi o de reelaboração das criações das alunas segundo as normas e proporções do desenho técnico, uma vez que, para a confecção das roupas elas só haviam se utilizado de croquis. Cada aluna deveria representar, em papel manteiga e com grafite, dois modelos feitos por elas.

A etapa seguinte foi realizada em conjunto com a disciplina de informática e teve por fim elaboração de um painel destinado à organização, apresentação e divulgação de cada um dos modelos criados pelas alunas para a edição do “Moda Pelotas”. Em cada painel se observa as imagens de inspiração de cada uma das roupas, o desenho técnico, a descrição da proposta e imagens da roupa pronta.

Com o intuito de uniformizar os painéis, foi criado um modelo de diagramação, no formato 60cmx90cm, em *software* de representação vetorial. As alunas receberam um embasamento para o manuseio do *software* em questão na disciplina de informática e, então passaram para a montagem dos painéis nas duas disciplinas de modo concomitante.

Inicialmente, cada uma das alunas fez a seleção das imagens para compor o quadro de inspiração, elaborou um pequeno texto que justificava a

proposta e fotografou sua roupa. Feito isso, elas precisaram redesenhar as roupas sob a forma digital, com auxílio da professora de desenho, observando as proporções originais. Foi necessário também tratar algumas fotografias em um *software* específico para manipulação de imagens. Por fim, cada uma das informações foi colocada e organizada nos painéis.

Foram realizados doze painéis pelas alunas mais um de síntese do trabalho pela professora, expostos na edição de outono/inverno 2012 do “Moda Pelotas”. Procurou-se unir os conteúdos trabalhados em sala de aula com um produto concreto, trabalhando, ao mesmo tempo, as dimensões individual e coletiva. Cada uma foi responsável pelo seu trabalho e pelo trabalho das colegas, uma vez que todos deveriam apresentar uniformidade de tratamento e qualidade, fazendo com que elas trocassem informações e se auxiliassem em cada passo do percurso. A figura a seguir (fig.2) apresenta dois dos painéis confeccionados pelas alunas.



Figura 2: a) Painel realizado pela aluna Carla Beatriz Oliveira. Impresso em lona, 60x90cm b) Painel realizado pela aluna Taíse Garcia. Impresso em lona, 60x90cm.

Crítica da prática à luz dos autores estudados

O exercício se constituiu como um esforço para resgatar a motivação das alunas e aproximá-las da disciplina de Desenho Técnico. É válido ressaltar que, para conseguir fazer essa proposta, foi necessário reconstruir minha atuação. Isso porque nunca havia tomado contato com o tópico específico de desenho de roupas, tendo me dedicado anteriormente só ao desenho voltado a práticas mais duras, como a indústria ou a construção civil.

A prática foi realizada de modo espontâneo e, em certa medida, intuitivo. No entanto, como pondera Costa (2001), é importante a intuição no momento da investigação e, em certos momentos, é necessário um pouco de intuição para conseguir contornar rapidamente certas situações.

O questionamento reconstrutivo foi utilizado no momento de pensar sobre a superação da dificuldade do desenho técnico enquanto ferramenta a ser apropriada pelas alunas e de formular um meio de alcançar esse objetivo, através da aproximação com os conhecimentos profissionais.

O resultado da atividade de modo geral foi positivo, uma vez que agiu-se em um problema de sala de aula e as alunas voltaram a se motivar e aliar teoria e prática. Tal fato aproxima-se à “reconstrução permanente dos conteúdos e procedimentos didáticos” (DEMO, 2002, p. 45). Com base em outra atividade exitosa como fio condutor, foi incentivado o protagonismo discente e a sala de aula foi transformada em um local de trabalho conjunto, o que pode ser visualizado nos pressupostos de Demo (2002).

O produto do trabalho conjunto foi bastante positivo e auxiliou na ampliação da autoconfiança das alunas e também serviu para explorar seu potencial criativo e para que expusessem os elementos de sua autoria em um evento de moda significativo na região. Na figura abaixo (fig.3) podem ser visualizados alguns painéis das alunas com o respectivo *look criado por elas*.



Figura 3: Resultado da produção das alunas do curso de vestuário: no primeiro plano os looks desenvolvidos e no segundo plano os painéis com os elementos de criação, painel de inspiração e desenho técnico.

É necessário destacar também, a tentativa de reconstrução do conhecimento, tendo como base a experiência prévia das alunas, sua participação como criadoras no evento de moda, e buscando aperfeiçoar esta experiência a partir do conhecimento acadêmico – a experiência do Desenho normalizado. Tal procedimento também é confluyente com a teoria de Demo, no que tange a valorização das experiências prévias do aluno, a transformação da sala de aula em local de trabalho conjunto ou atelier, interpretação própria do conhecimento e criatividade.

Foi um passo bastante difícil e importante sair da posição confortável de professor para assumir, em conjunto com as alunas, uma experiência nova para ambas as partes e o papel de parceira de trabalho. Foi uma experiência de reconstrução coletiva e que contou muito com a iniciativa e receptividade das alunas.

A inovação, na proposta, se deu a partir da reconstrução do conhecimento das aulas: o objeto eram os vestidos que haviam sido feitos sem conhecimento do desenho, acrescentou-se uma noção básica da técnica e depois se aprofundou a aprendizagem em cima da reelaboração dos desenhos em confluência com o conhecimento normativo.

Assemelha-se, nesse ponto, com os passos para a reconstrução apontados por Demo (2002, p.29): *“Partindo dos primeiros passos imitativos,*

avançar na autonomia da expressão própria". (p.28) Tal pertinência da inovação pode ser vista também nas recomendações de Costa (2001), quando diz que a originalidade da pesquisa reside na originalidade do olhar.

A iniciativa também contou com certa motivação lúdica (DEMO, 2002), uma vez que o produto seria concretamente utilizado em uma exposição. Isso fez com que as alunas dessem o melhor de si de modo individual e conjunto, posto que elas seriam as autoras de seu trabalho e ele estaria presente no seu futuro ambiente profissional.

Além disso, vale ressaltar a manipulação do meio informático, uma vez que elas tiveram concomitantemente aprendizados de desenho com instrumentos e no computador, bem como noções de diagramação que são importantes para a realização de fichas técnicas, por exemplo.

Ainda em consonância com Demo (2002), procurei estabelecer formas alternativas de avaliação escolar, fazendo dela um processo constante de acompanhamento ao longo de cada aula e da evolução das alunas conforme o avanço dos temas.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR10067: Princípios gerais de representação em desenho técnico**. Rio de Janeiro, ABNT, 1995.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR6492: Representação de projetos de arquitetura**. Rio de Janeiro, ABNT, 1994.

COSTA, Marisa Vorraber. **O diálogo entre a ciência e o mundo: uma agenda para jovens pesquisadores e pesquisadoras**. Revista Virtual-Contestado e Educação, Revista virtual, n. 001, p. 1-10, 2002.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 5ª Ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

LEITE, Adriana Sampaio; VELLOSO, Martha Delgado. **Desenho Técnico de Roupas Femininas**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2009.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE. **Plano de ensino da disciplina de Desenho Técnico**. Curso Técnico em Vestuário, modalidade subsequente. Pelotas: IFSUL, 2012.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE. **Curso Técnico em Vestuário, parceiro do Moda Pelotas**. Projeto de extensão. Pelotas: IFSUL, 2011.